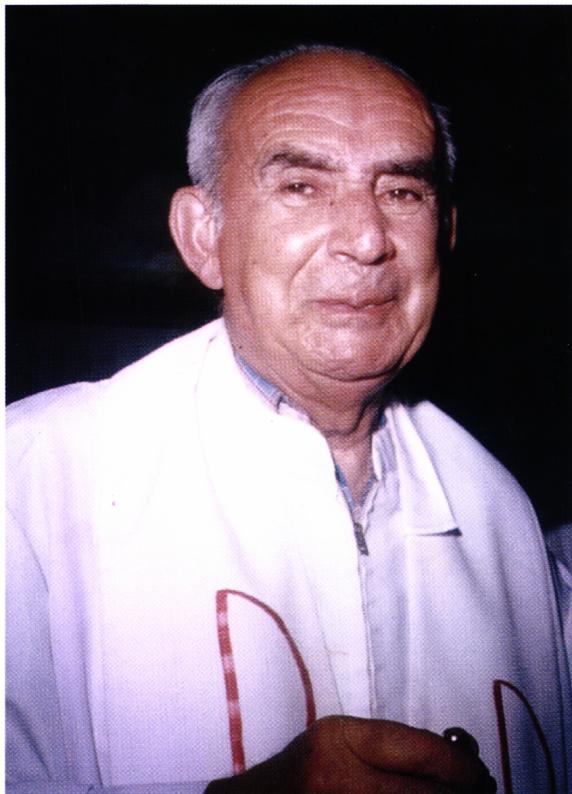


+26.9.1999
99B025

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Belo Horizonte - Minas Gerais

*Em vida socorreu com as mãos e o coração o povo nas enchentes.
Agora uma enchente de mãos e corações conduz pelas
ruas do Jacarezinho o seu herói.*



PADRE NELSON CARLOS DEL MONACO



O povo do Jacarezinho o tinha como eterno. Sabia, mas não queria que ele morresse. Poderia ficar quietinho em sua cadeira de rodas, lá no quarto. Dedivar continuaria fazendo-lhe a barba. Padre Guilherme iria visitá-lo todo o dia. Poderia reclamar quanto quisesse do barulho da garotada na quadra. As quatro dedicadas enfermeiras cuidariam eternamente dele. Poderia telefonar quanto quisesse, mesmo sem voz. Os amigos continuariam subindo as escadas para visitá-lo. Ele tinha que continuar para sempre se preocupando e perguntando sobre o andamento da casa. Ele tinha que ser, para sempre, o **herói do Jacarezinho**. Os muitos que sonharam com ele, na noite de 25 para 26 de setembro de 1999, acertaram. Algo de estranho pesava no ar, quando ele foi levado ao hospital, na manhã do domingo. Às dez para as quatro, o morro silenciou. Os foguetes não espocaram. As metralhadoras baixaram.

Uma paz surda envolveu o morro. O impensável acontecera.

O telefone anunciava o nunca esperado desfecho final do

P. Nelson Carlos del Monaco



P. Nelson, comemorando seu 88º aniversário, no dia 8.7.99

1. A DESCENDÊNCIA DOS JUSTOS SERÁ ABENÇOADA (SL 112,2)

Padre Nelson chamou, um dia, a Rosângela, secretária da escola, e lhe contou sua vida: "Meu pai se chamava Paschoal Del Monaco, nasceu em Caserta (Itália), em 17 de maio de 1876. Morreu em Lorena, em 22 de abril de 1967. O nome da mãe era Maria Joana Brancatti Del Monovo. Nasceu em Nerac (França), em 31 de outubro de 1894 e morreu em Lorena, em 8 agosto de 1958. Antes de eu nascer, morreram meus irmãos Vicente e Carlos. Quando eu nasci, minha mãe fez questão de acrescentar Carlos ao meu nome. Em memória do irmão falecido. Até 1926 éramos 13 irmãos. Aos 26 e outubro de 1926, faleceu minha irmãzinha Zuleika, com 4 anos de idade. Uma doença estranha a levou. Papai, nessa ocasião, descreu de Deus, pois a morte da Zuleika fora um golpe muito duro para ele. Em 27 de maio de 1937, faleceu nosso irmão mais velho, o Afonso, vulgo Capitão. Era o homem mais bonito e alegre da família. Eu herdei o seu gênio. Como eu, era fogoso, temperamental e cheio de calor humano. Enamorou-se e acabou se casando com Odete Vilela, uma moça linda e prendada. Tiveram duas filhas: Lucy e Lúcia Helena, ambas lindas e inteligentes. Morreu com 65 anos de idade. Sinto muito sua morte. De minha família ainda restam, por ordem: Maria Faustina, José Oswaldo, Maria Irene, P.Nelson, Jayme, Maria Evelina, Antônio, Elza, Hugo, Teles. Uma nasceu morta".

Uma das características da vida do P. Nelson foi sua ligação afetiva com a família. Volta e meia fazia excursões com professores e alunos a Lorena, onde envolvia seus parentes na sua missão.

2. ENVOLVIDO COM DOM BOSCO

Em 1926, eu fazia a segunda série ginásial no Colégio São Joaquim, de Lorena. Eram meus colegas Dom João Resende Costa e o P. Gilberto Barros, sobrinho do então presidente da República, Washington Luiz. Sempre me dei bem com o P. Gilberto. Era muito inteligente e prendado.

Chegamos a trabalhar juntos em Cachoeira do Campo. Senti muito sua morte.

Em princípios de 1926, fui para Lavrinhas, acompanhado pelos padres André Dell'Oca e Domingos Cerrato, então inspetor. Meus pais não queriam deixar. Opuseram-se enquanto puderam. Quem me defendeu e incentivou foi minha irmã Faustina. Foi duro separar-me da família, em especial, do meu irmão Jayme, que sempre compartilhava comigo alegrias e tristezas. Afonso também me apoiou muito. Lembro-me de quando os dois padres foram me buscar em casa. Minha mão chorava muito, enquanto mentia para os padres, dizendo que eu era o filho obediente e que dava menos trabalho em casa. Na pressa, nem comprei a passagem para Lavrinhas. Os dois padres acabaram comprando-a para mim. Não me esqueço do P. Del'Oca, por causa dessa passagem. Eu já conhecia Lavrinhas. Outros padres do Colégio São Joaquim me haviam já levado para uma festa do diretor do colégio de lá. Gostei muito e resolvi ficar para sempre. Manifestei meu desejo ao P. João Renaudin de Ranville, meu professor de inglês e meu orientador espiritual. Ele me deu todo apoio. Tive também muita ajuda do P. José dos Santos, diretor do São Joaquim. Ele ajeitou as coisas com minha família. Nesse ano de 1926, aprendi a ajudar a missa e me interessei muito pelas coisas do altar. Fui também catequista no oratório festivo. Era uma turma de 15 garotos, que ficaram muito amigos meus. Foram lindos anos de juventude, quando as únicas preocupações era os estudos, a casa e o altar.

Minha devoção a Nossa Senhora era pura. Ingênua até. Devo-a à minha irmão Faustina, que soube incuti-la em meu coração. Ainda em 1926, fui considerado o melhor aluno externo do ginásio. Ganhei uma medalha, que conservo até hoje. Todos os anos, ao final do ano letivo, muitos padres salesianos reuniam-se em Lorena, para o retiro espiritual. Como ajudava as missas, fui amigo de muitos deles: P. José Massimi, P. Alcides Lanna, P. José de alencar, secretário de Dom Henrique Mourão, que sempre me dava uma nota novinha de um mil réis. Em 17 de janeiro de 1926, entrei para o aspirantado de Lavrinhas. Só então troquei as calças curtas pelas compridas. Ambiente muito pobre, mas muito bom. Lá fiz aspirantado, noviciado e filosofia. Cinco anos marcantes de minha vida.

Em 1931 fui fazer meu tirocínio em Ascurra, Santa Catarina. Fui de navio até Itajaí, Junto com o P. Angelo Aberti. Daí fomos para Blumenau e, de Blumenau, para Ascurra onde convivi com o P. Agenor Vieira Pontes. Fiquei um ano em Ascurra. Os anos de 1932 e 1933 passei-os, continuando o tirocínio, no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo. Marcaram-me muito ali as figuras do P. Edgar de Aquino Rocha e do P. Octacílio de Oliveira. No fim de 1933, fomos fazer a teologia, no Chora-Menino - Hoje Santa Terezinha -, em São Paulo. Meus colegas de aspirantado já estavam todos lá. Nosso último ano de teologia foi feito na Lapa, São Paulo. Fui ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1937, na Catedral de Santa Efigênia, em São Paulo, por Dom José Gaspar de Afonseca e Silva. Éramos 26 ordenandos.

Minha vida sacerdotal teve o seguinte percurso: em 1938 e 1939, catequista no Liceu Coração de Jesus. Em 1940, fui conselheiro em Lorena. Em 1941, fui conselheiro no Colégio Santa Rosa, de Niterói-RJ. Em 1946, em Araxá-MG. Em 1947, em Campinas-SP. De 1948 a 1949, em Ponte Nova-MG. De 1950 a 1951, em Goiânia-GO. O ano de 1952, passei-o no Seminário São Vicente, de Campo Grande(MS), onde era dire-

tor o meu irmão, P. José Del Mônaco. De 1953 a 1954 fui conselheiro em Vitória-ES. Em 1955 voltei para Ponte Nova, de 1956 a 1962 estive no Rio de Janeiro no Instituto São Francisco de Sales, como conselheiro. Em 1962 passei a morar no Jacarezinho.

Cada ano do meu sacerdócio merece uma longa história. Não fui santo, mas acredito que muita coisa que fiz, com reta intenção, tenha agradado ao Pai do Céu, que vê os fatos da vida pelo prisma da justa paternidade.”

Todos sabemos quanta riqueza encerra este rico itinerário salesiano do P. Nelson. Foi proverbial, nos antigos internados, a sua autoridade disciplinar, unida a uma admirável bondade, que conquistava o coração de todos. Isto ele irá provar, na fatia mais rica e bela de sua vida, que foi sua explosão carismática no meio do povo do Jacarezinho. O Padre Nelson, durante toda a sua vida, armazenou energias, para gastá-las no Jacarezinho, até morrer.



3. JACAREZINHO, A EXPLOSÃO DE UM CARISMA

O carismático é como um rio em tempo de enchente. Desborda, entorna, transpõe as ribas. Enjoa-se de se ver limitado pelas margens. Renuncia à tranqüilidade da lei normal. Vai arrastando tudo atrás de si. Até estragos provoca. Não nega as margens, mas anseia por superá-las. Não nega a instituição, o marcado, o instituído. Vai mais além. Arrisca-se no fora do comum. Nele a paixão domina a razão. Não calcula os riscos. Arregaça as mangas e vai em frente. Sua verdade é o que realiza. Realiza o que sonha. Acaba envolvendo todo mundo em seus sonhos. Não precisa entendê-lo. Basta segui-lo. O povo sabe disso. Dependendo da paixão, ele se chamará Paulo, Francisco Assis, Betinho, João Bosco, Carlos Henrique¹, Pereira², Cícero³, Luiz Zver⁴, Hélder Câmara, Nelson Del Monaco. Como é o Espírito que o guia, ele sabe que tudo vai dar certo. O que der errado, os normais consertarão depois, ou estragarão, quem sabe?

O conselheiro escolar enérgico e decidido que foi nos grandes internatos de outrora, ele continuou sendo com o povo daqui. Usou toda sua experiência pedagógica para criar um apurado clima de amorevolezza, que dura até hoje. Não há quem não lembra seus cascudos, seus castigos, seus pitões, sua compainha disciplinadora, Tudo ungido de imensa paternidade. Quem é pai mesmo, pode castigar. Até o castigo será bem-vindo. Todo o povo o via correndo atrás de recursos para manter a escola. Arranjava emprego para este, socorria aquele, batia nas portas, sem nenhum temor de receber um não. Quem não sabe o quanto custa à gente ter que pedir? Incomodava os políticos, promovia festas, inventava de tudo pela sua paixão. O carismático não desanima nunca.

1. P. Carlos Henrique, fundador das Escolas Dom Bosco, de Poços de Caldas-Mg, para amparo da juventude pobre.
2. Irmão José Pereira de Carvalho Filho, idealizador do "Corujão" - curso pré-vestibular para alunos pobres e do Oratório Diário Mamãe Margarida, de Niterói.
3. P. Cícero Romão Batista (Padim Cíco), grande missionário do Nordeste brasileiro.
4. P. Luiz Zver, grande apóstolo das crianças com doença de Down, em S. João del-Rei, e fundador da APAE.

4. RECORDANDO A HISTÓRIA

Antes de morar no Jacarezinho, Padre Nelson fazia parte da comunidade do Instituto São Francisco de Sales, do Riachuelo-RJ. Juntamente com o P. César del Grosso, visitava o Jacarezinho com freqüência. As visitas foram se transformando num projeto de evangelização e catequese. O bairro era muito pobre, povoado de migrantes, em sua maioria nordestinos, mineiros, capixabas e norte-fluminenses. As condições de moradia e de higiene muito precárias.

No princípio só existia uma lixeira. Padre Nelson comprou o local. Assim testemunha um grande amigo seu, o Sr. Joaquim Cosendey: "Num sábado de verão de 1955, P. Nelson convidou o amigo, que residia em Lins-SP, para visitar o Morro do Jacarezinho e conhecer o lugar onde pretendia implantar a sede das *Obras Profissionais e Sociais Santa Rita de Cássia e a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora*. O Sr. Joaquim levou o fotógrafo Alberto Garbocci, para documentar o fato. O local era uma lixeira do morro. A foto foi estampada no jornal *O Globo*, numa coluna dedicada ao Serviço Social, datada de dezembro de 1955". Uma vez adquirido o terreno, era preciso construir. Mas como, com quais recursos? Era a angústia do P. Nelson. E o Sr. Joaquim: O negócio é começar. O resto Deus ajuda".

Quando tudo parecia impossível apareceu a mão estendida de Dona Beatriz Monteiro de Carvalho, dona da fábrica de Vidros CISPER. Ela e seu esposo, Alberto Monteiro Carvalho, foram os primeiros grandes colaboradores da obra do P. Nel-



Comemorando os 25 anos da Obra
(18.4.95)

son. Até hoje ajudam generosamente a Escola que recebeu o nome de Escola Alberto Monteiro de Carvalho. O Sr. Joaquim Monteiro de Carvalho herdou do pai o grande amor por essa insigne instituição de educação do Morro do Jacarezinho. Em pouco tempo, aquele buraco de lixo virou um formigueiro de operários. Padre Nelson soube envolver toda a comunidade na construção da Igreja e da escola. Foram inúmeras promoções e festas da comunidade, para dar continuidade às construções.

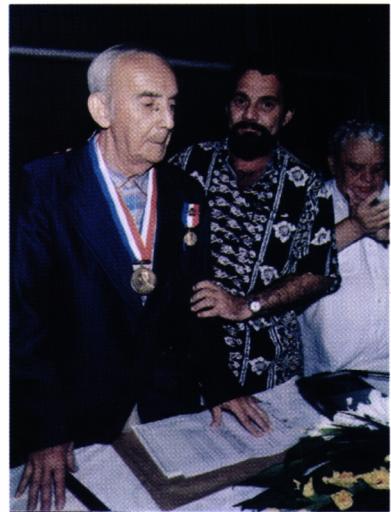
O verão de 1966 foi ameaçador para a comunidade das construções. Conta o P. Nelson: *"Na segunda-feira, dia 10 de janeiro, após ter celebrado a santa missa e falado ao povo, como faço habitualmente, numa imitação das boas-noites salesianas, precisamente às 21h30min, caiu sobre a Guanabara uma forte chuva. Parecia que o céu vinha abaixo. Faltou luz. As águas caíam a cântaros e encheram, impiedosamente, as naves da igreja. Saí pela rua para ajudar a socorrer as vítimas. Trabalhei sem cessar até às três da madrugada. Tentei retornar ao Colégio Salesiano, mas não encontrei o caminho de volta. Choveu a semana toda. As obras, inacabadas, serviram de abrigo aos flagelados das chuvas".*

Passado o susto das chuvas, foi retomada a construção. Finalmente no dia 4 de outubro de 1970, uma parte da construção estava concluída, e foram inaugurados o salão paroquial e a primeira sala de aula.

O Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara veio, de helicóptero, para benzer a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, que hoje se encontra na torre. Inaugurou a igreja matriz e, em seguida, empossou o P. Nelson como primeiro pároco da recém-criada Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora.

Tudo isso só foi possível, porque a comunidade do Jacarezinho soube acolher e se empenhar nesse projeto. Neste momento, em que se faz a memória do P. Nelson, seria injusto esquecer algumas pessoas que apoiaram os inícios e continuaram depois, ao lado dele, até o fim: Jonas Pereira Ramos, Hélio Pazzini Ribeiro, Carlos Alberto de

Azevedo, Letice Gonçalves de Almeida, Antônio Custódio de Oliveira, Irmã Olga Delazzari, Irmã Dirce Stolf, Dona Santinha, e Dona Josefina. Não se pode esquecer, claro do P. César del Grosso, que iniciou a obra lá onde funciona hoje a Fundação Leão XIII, e do P. Efigênio dos Passos, valente e ousado construtor da maior parte da casa. Entre os vários salesianos que aqui estiveram ajudando o P. Nelson, sempre destacar a figura bondosa do P. Osmar Machado Couto, o "Priminho", que, dezoito anos faz, aqui está testemunhando a bondade de Deus a este povo.



Homenagem da Câmara Municipal:
Medalha e Diploma "Pedro Ernesto".
(27.4.95)

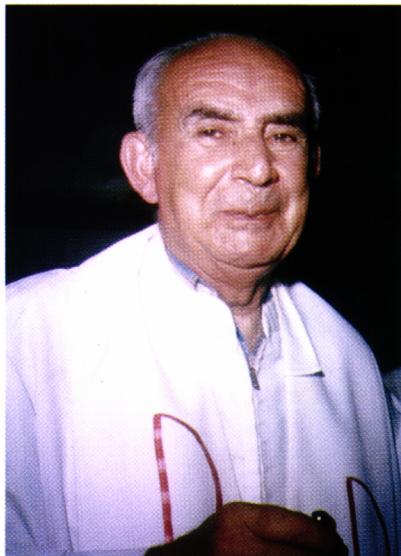
5. O FIM

Desde o dia em que teve que deixar a direção da obra, P. Nelson caminhou para o desfecho final, que aconteceu na tarde de 26 de setembro de 1999. Para ele se tratava de missão já cumprida, e poderia cantar seu *Nunc Dimittis*. Foi visto ainda de bengala, andando pelas ruas. Sua saúde foi exigido mais cuidado. A Inpetoria São João Bosco, foi, aos poucos, encaixando a obra em sua organização sistêmica.

Deu-lhe o suporte econômico que, até então, fora garantido pelo carisma do P. Nelson. Padre Martiniano Francisco Pinto, primeiro e, depois, o P. Emídio Soares da Costa, deram continuidade ao trabalho, e mantiveram o caráter popular e salesiano da obra. P. Wilton Magno Vieira de Souza e , depois, P. Guilherme Artur Lacerda de Assis, animaram e dinamizaram a vida paroquial. Irmão Manoel de Souza Santos, delegado do Sistema Salesiano de Animação de Paróquias (SSAP), ajudou o povo a se organizar na vida pastoral. O entusiasmado grupo de educadores da Escola empunhou a bandeira da educação salesiana que o P. Nelson lhes passara. Não se pode esquecer a presença animadora dos padres Raimundo Ferreira e Geraldo Arcenio de Oliveira e Domingos Altoé.

Neste 1999, as idas e vindas ao hospital se multiplicaram. Uma cirurgia na perna, para evitar gangrena, foi o início do fim. Nos dois últimos meses, a decaída era evidente. Um pressentimento surdo pairava no rosto de quem a longo com ele convivera. Vários confessaram ter sonhado com ele na noite de 25 para 26 de setembro. Luiz Henrique, menino de 5 anos, que o visitava todos os domingos, pediu paravê-lo. Na manhã de domingo, 26, foi levado ao hospital Balbino, de Olaria, onde faleceu às 15h55min. Insuficiência respiratória aguda, infecção pulmonar, insuficiência renal, hipotiroidismo, mais síndrome de Parkinson foram a causa mortis.

Seu velório tinha que ser um triunfo. O povo de todas as crenças e raças se misturou nas ave-marias de réquiem. Lágrimas desciam nos rostos de todas as idades. O longo e soturno desfilar de corações invadiu a noite. As comunidades salesianas acorreram para a missa das onze horas. O corpo foi transportado para Lorena-SP, a pedido dele e dos parentes. A comunidade familiar e salesiana lhe fizeram a última despedida. Uma centena de fiéis do Jacarezinho e depôs no túmulo, sepultando, com ele, as lágrimas do seu último adeus.



*De uma lixeira fez nascer flores belas de santidade,
de vida. Com os migrantes, vítimas da exclusão,
criou linda comunidade de fé.*

*Acreditou, contra toda esperança,
que se tornaria pai de tantos pobres.
E se tornou.*

*Como outrora Dom Bosco, esmolava, mendigava,
batia às portas dos ricos, para que os pobres pudesse sobreviver.
Cravou no coração do Jacarezinho a pérola brilhante da presença salesiana.
Não. Padre Nelson não morreu, porque nasceu e viveu pra ser eterno.
Seu nome serpeará nos becos e ruelas deste Jacarezinho
que será eternamente seu.*

Ciente de que esta carta é apenas uma sombra da gigantesca realidade que foi o Padre Nelson, assina e pede oração por toda a comunidade do Jacarezinho,

*P. Jacy Cogo
diretor*



DADOS PARA O NECROLÓGIO

P. NELSON CARLOS DEL MONACO

★ Lorena-SP, 8 de julho de 1911

† Jacarezinho-RJ, 26 de setembro de 1999

62 anos de sacerdócio e 70 de profissão religiosa.

